

GILDÁSIO FREITAS



ESTÓRIAS DE IPITANGA

DA COLONIZAÇÃO À EMANCIPAÇÃO



GILDÁSIO FREITAS

**ESTÓRIAS
DE IPITANGA
DA COLONIZAÇÃO À EMANCIPAÇÃO**

Lauro de Freitas - Ba
Julho, 2022

Libre

Todos os direitos reservados © 2022:
Gildásio Vieira de Freitas

Realização: Arcas de Ipitanga - Associação Recreativa Cultural Ambientalista e Social / Centro de Memória

Apoio: Polo de Atores e Dramaturgia de Lauro de Freitas

Supervisão: Poeta Osmar Machado Jr.

Arte: Carla Piaggio

Ficha técnica

Páginas: 12

Estrofes: 36 sextilhas

Verso: setissílabo ou redondilha maior

Rimas: xaxaxa

Procuraram o Véio Tumé,
Pois saber era preciso,
Mas, ao tomarem a benção,
Ouviram: “Deus lhes dê juízo!”.
Queriam saber se, um dia
Aqui era um paraíso

Sim, era sapo no brejo,
Papagaio, sucuiu,
Sariguê, paca, jiboia,
Macaco, gambá, tatu,
Jacaré, onça-pintada,
Tamanduá, teiú

No manguezal, caranguejo,
Muita ostra, pitú, siri.
Junto ao Joanes, em meio
À mangueiras, pés de oiti,
Tamarindeiros, jaqueiras.
Tudo de bom tinha aqui

Quando só haviam índios
Que andavam nus ou de tanga,
Antes do branco chegar
Empurrando buginganga
Já haviam batizado
Nosso rio de “Ipitanga”.

Os portugueses chegaram
E causaram logo espanto
Juntaram à velha Ipitanga
Um certo nome de santo.
Santo Amaro do Ipitanga
Virou nosso recanto.

Depois de explorarem o índio
Na extração do pau-brasil
Desde que aqui chegaram
Num dia vinte e dois de abril
Foram buscar o africano
Para o trabalho servil.

A história, disse o velho:
“É como uma caixa preta,
Revirando os achados
Lá no fundo da gaveta,
Vemos que aqui estiveram
O Nóbrega e o Anchieta”.

A luta teve início
Mal o branco veio pra cá.
Por todo o tempo continuou,
Chegando ao estado que está
Clamam os índios, com razão
Por “Demarcação, Já!”.

Era mesmo muito engenho
Que havia por aqui
O maior de todos eles
Era o Engenho Cají,
Itapuã, Mussurunga
Pra começar a subir.

Cachoeira do Rio Joanes
Mas se um outro toma
Ao chegar lá no quilombo
Mais dois registros se soma
Tem o Engenho Conceição
E o Engenho Quingoma

As arcadas do Japara?
Vixe, que coisa mais linda!
Tinha o Bom Jesus da Telha
E havia uma coisa, ainda.
Eram São Miguel, Pitanga,
Santa Bárbara do Pinda.

De um lado, homens gentis,
Tendo no peito uma cruz.
Promessas de novos tempos
Muita paz e muita luz.
Do outro, homens perversos,
Armados com arcabuz.

Esse regime nojento,
À base de escravidão.
Navios negreiros lotados,
Com muita sofreguidão.
Os negros bradavam alto:
“Varrei os mares, tufão!”.

Demonstração de bravura,
Tivemos diversas vezes,
Quando a guerra do açúcar,
Enfrentando os holandeses.
Nas lutas da Independência,
Aí, contra os portugueses.

Contra o inimigo invisível
Que arrasou com a Bahia.
Um vírus tenebroso,
Que, a muitos, ele abatia.
Falo do Colera morbus,
Matando dia após dia.

Nosso povo inteligente,
Os bons conselhos seguiu
Da ciência que orientava
E assim, não submergiu
À terrível epidemia
Que o Recôncavo atingiu.

Quem não ouve a ciência
Nada, mas morre na praia.
Agir com sabedoria,
Para não sair da raia.
Agiram os pais do bebê,
Que era o Martiniano Maia.

No Levante do Joanes,
Junto aos negros ussás,
Bravo povo ipitanguense,
Não deu nenhum passo atrás,
Reiterando o lema deles,
O de “se entregar, jamais!”.

O Cají ficou famoso,
Também, ali, afinal
Foi nascer o jornalista
José Alvares do Amaral.
Foi político e escritor,
Destaque na Capital.

Mil oitocentos e trinta
Ordenada a construção
De duas salas de aula
Pra ajudar na educação
Nas terras de Ipitanga,
A dita povoação!

Com a descoberta do ouro,
Lá pelas Minas Gerais,
Revoltas, epidemias,
Aí, também foi demais.
Ressoou só a decadência
Dos Engenhos, dos Currais...

Mas chegou o século vinte
Latecóere e Aeropostale
O francês disse, em Ipitanga:
“Que o campo aqui se instale!”
Nos tempos em que Portão
Brincava com o Zé-do-Vale!

Zé-do-Vale é um personagem
De uma cultura muito rica.
Do Recôncavo baiano
Ainda tem em Itaparica,
Terra de Maria Felipa,
Terra da água da bica.

Com o Campo de Aviação,
Trouxe o francês modernismo,
Mas a virada se deu
Com o mundo à beira do abismo
Quando o Brasil foi à guerra,
Derrotar o nazi-fascismo

Para construir a Base Aérea
Mais o nosso Aeroporto,
Veio gente de todo canto
Dormiam com desconforto
Mas fizeram o Santo Amaro
Deixar de ser um burgo morto.

Pra fichar na construção
Chegava a todo momento,
A pé, montado a cavalo
Ou num lombo de um jumento,
Peão que por um trabalho
Estava muito sedento.

Com as mocinhas do lugar
Foram arranjando namoro
Outros como num garimpo,
Numa corrida do Ouro
Se enfurnavam nas boates
Que eram a “Arca do Tesouro”.

Foi aí que lideranças
Foram à luta pra tentar
Com políticas de peso,
Conseguir emancipar.
O local como distrito,
Não podia continuar.

Dentre essas, Amarílio
E Santos Cabeça Branca
Juntos com Abelardo Andrea
Puxaram a alavanca.
Quando se parte bem firme,
Nenhuma força desbanca

Vereador Paulo Moreira
Teceu as coisas bem feitas
E veio a emancipação
Sem precisar fazer treitas,
Mas só que o nome mudou.
Passou pra Lauro de Freitas

No basquete ia brilhando
Maria Ester Bueno
O Éder Jofre nos ringues
Deixava campeão pequeno
Santos, bicampeão mundial,
Tinha um futebol veneno

No Chile, Mané Garrincha
Dribla com a bola no pé
Parte para cima da Espanha
Sob o coro de “Olé”!
Como se fosse tourada
Seleção Bi com Mané!

Bossa Nova invade o mundo
Também na Sétima Arte,
Tempo de Cinema Novo
É prêmio por toda a parte
Ganha a Palma de Ouro em Cannes
Baiano Anselmo Duarte

Mas, ainda no Cinema
Tivemos outro talento!
Em Buraquinho, o Glauber
Roda o filme “Barravento”
E lá no país Tcheco
Vence com merecimento.

No cinema, no teatro,
Também na literatura.
No circo, música ou dança,
É tudo beleza pura!
Nossa cidade nasceu
No signo da Cultura!

Por isso pela cultura
Fazemos muito barulho
E assim gritamos bem alto
Com muita garra e orgulho:
Viva a Metrocultura!
Viva o 31 de julho!

SOBRE O AUTOR

Gildásio Freitas é historiador e escritor.

Tem quatro livros publicados e centenas de artigos em diversos jornais e revistas. Autor dos cordéis *O Levante do Rio Joanes*, *A Grande Lona*, *Vilas do Atlântico 40 anos* e da coleção *Festas e Bambas de Santo Amaro do Ipitanga*, com quatro títulos: *O Centro Histórico*, *Portão: fé e tradição*, *Nação Itinga: bairro do bumba-caranguejo* e *Região da Vila Praiana: das lagoas e dunas onde a poesia emana*. Roteirista da peça teatral *Estórias de Ipitanga*.

Sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - IGHB e membro da Academia de Letras e Artes de Lauro de Freitas - ALALF.

